

A biblioteca escolar e as mediações com a geração polegar

The School Library and the mediations with the thumb generation

Richele Grege Vignoli

Mestranda em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina – UEL.

Professora do Departamento de Ciência da Informação da UEL

E-mail: rivignoli@gmail.com

Sueli Bortolin

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Marília.

Professora adjunta do Departamento de Ciência da Informação da UEL.

E-mail: bortolin@uel.br

Resumo

A mediação da informação e da literatura que acontecem com a Geração Polegar mostra-se com uma temática inovadora para discussão no contexto da biblioteca da escola. Diante disso, o objetivo do artigo é demonstrar as nuances da mediação da informação sob a ótica das TIC com as crianças e jovens da Geração Polegar. Como estudo bibliográfico, apontamos principalmente que existem diversas possibilidades atrativas com base na tecnologia para mediar a informação para essa Geração. Esperamos colaborar com a literatura da área e instigar novas pesquisas que aproximem bibliotecários de bibliotecas escolares e seus usuários cada vez mais ávidos por tecnologia, informação e literatura.

Palavras-chave: Geração polegar; Biblioteca escolar; Mediação da informação; Mediação da literatura.

Abstract

The mediation of information and literature that happen with the Thumb Generation is considered a novel theme for discussion in the context of the school library. Thus, the aim of the paper is to demonstrate the nuances of information mediation from the perspective of ICT with children and young people of the Thumb Generation. As a bibliographic study we mainly pointed that there are several attractive possibilities based on technology to mediate information for this Generation. We hope to collaborate with the literature of the area and instigate new research that approach librarians from school libraries and their users increasingly eager for technology, information and literature.

Keywords: Thumb generation; School library; Mediation of information; Mediation of literature.

Considerações iniciais

Todo título de uma publicação tem uma intencionalidade, neste caso, ao utilizarmos a palavra *com* e não *para* antes da expressão Geração Polegar demonstra que o nosso entendimento do ato de mediar não é uma via de mão única, uma atividade exercida apenas pelo mediador; a participação dos mediados neste processo é fundamental. Trata-se de uma experiência partilhada, repleta de diálogos e interferências pessoais.

Esperamos do bibliotecário escolar que ele execute sua mediação (informacional e da leitura) *com* os alunos, em uma coparticipação, e não *para* eles. Pois isto representaria um posicionamento passivo, destoando do comportamento das novas gerações, que são cada vez mais autônomas na construção de seus conhecimentos.

Infelizmente é perceptível que as bibliotecas escolares e os usuários não andam no mesmo compasso. Nelas faltam computadores, quando há, estão desatualizados. Muitos bibliotecários, por questões de inexperiência, não estão preparados para usar as diferentes tecnologias como recurso de pesquisa, comunicação e sociabilização com os seus alunos.

A Geração Polegar, composta pelos últimos jovens nascidos (que podem ser bebê, criança e adolescente) exige dos bibliotecários, atenção especial no que tange ao uso de tecnologias nas bibliotecas escolares. Sem a promoção da tecnologia, principalmente da móvel, pode ser que a mediação não cause efeito para esses jovens.

Outra situação agravante é que tanto nas instituições públicas quanto nas particulares, a capacitação dos profissionais da educação, ainda não alcança a equipe em sua totalidade, ficando o bibliotecário, que geralmente é único da escola, sem oportunidade de participar de cursos e demais eventos de atualização.

Todos esses aspectos apontados refletem na qualidade dos serviços ofertados e no desenvolvimento da biblioteca escolar que ainda é percebida com uma instituição amorfa e desinteressante pelos seus frequentadores.

Biblioteca escolar reconstruindo sua identidade

Não iremos, aqui, apresentar uma definição de biblioteca escolar, mas demonstrar que o modo de concebê-la foi alterado substancialmente no decorrer da história. Apoiando-nos em Tavares (1973, p. 14-15) encontramos os apontamentos de Mary Peacock Douglas que dividia, em 1960, a biblioteca escolar em: *instituição de serviço, instituição educativa, depósito de materiais de investigação e centro de leitura*.

Ao discorrer a respeito dessas atribuições, a autora afirma que este gênero de biblioteca é depositária de livros, diapositivos, filmes, discos, revistas, estampas, mapas, mas ao apontá-la como centro de leitura restringe seus suportes quando afirma que o leitor pode fazê-la em: “[...] toda classe de materiais impressos, recortes, folhetos, estampas, mapas e revistas.” (TAVARES, 1973, p. 14).

Podemos observar que ao recomendar apenas o material impresso, há nisso uma contradição e a demonstração da supremacia do escrito sob o oral (filmes e discos entre outros) que também são fontes de informação e leitura. Vale destacar que Paul Otlet já defendia desde 1934 na sua obra *Traité de documentation: livre sur le livre – théorie et pratique*, especificamente no capítulo *Substitutos do Livro*, que a informação estava além do suporte impresso.

A biblioteca escolar ainda precisa empenhar esforços neste sentido, pois não é concebível que os bibliotecários invistam recursos apenas num suporte de informação, quando há outros que estão despertando, com maior intensidade, o interesse do público infantil e juvenil. Um exemplo possível de ser utilizado com essa faixa etária e em diferentes ambientes, são os dispositivos tecnológicos.

Em oposição a esses princípios conservadores citamos um evento realizado em outubro de 1999 em Santiago do Chile denominado *Seminario Internacional de Bibliotecarios Escolares*¹, que em seu documento intitulado - *Integrando el Centro de Recursos para el Aprendizaje al Curriculum* dissemina amplamente a sigla CRA ao se referir às bibliotecas das escolas. Podemos considerar que na época denominar a biblioteca escolar de Centro de Recursos de Aprendizagem representava uma ampliação na concepção desse espaço.

¹ Este projeto denominado *Bibliotecas Escolares/CRA* ainda se encontra em andamento e sua estrutura pode ser conhecida no site -< <http://www.bibliotecas-cra.mineduc.cl/>>. Acesso em: 12 set. 2013.

Em trabalho apresentado neste *Seminario*, Von Bischoffshausen (1999, p. 124) baseado em diferentes teóricos destaca que: “El cambio de nombre de biblioteca escolar por [CRA] es producto de una necesidad, surgida en el entorno educativo escolar a partir de los profundos cambios ocurridos en los contextos educativos, sociales y tecnológicos de las dos últimas décadas.”

Estas ideias demonstram a seriedade e importância das políticas públicas do país mencionado, porém vale destacar que apenas a mudança na denominação, pode não trazer as alterações desejadas para as bibliotecas escolares.

Há que se discutir a função desse gênero de biblioteca, o papel do bibliotecário escolar, as relações estabelecidas com os demais membros da escola, o dinamismo na oferta de produtos/serviços, entre outros. Acreditamos que dessa forma será possível alcançar o ideal estabelecido para o CRA que:

[...] se define por su carácter dinámico y requiere de la coordinación de múltiples acciones para cumplir con el ambicioso objetivo que se propone. Este es: atraer a los estudiantes, entusiasmarlos afectivamente por el conocimiento, el placer de leer y la curiosidad intelectual que los lleve a indagar, de una manera cercana, en las variadas fuentes de información que ofrece la actualidad. (MANUAL..., 2009, p. [7]).

Outro documento publicado no Chile pelo Ministerio de Educación é o manual intitulado *Centro de Recursos para el aprendizaje: ¿cómo usarlo?* Tratava-se de um documento com orientações aos profissionais que atuam diretamente com os estudantes nos *Centros de Recursos para el Aprendizaje (CRAs)*, nele o referido Ministerio defende a ideia de que a biblioteca da escola “[...] no se limita a ser un lugar de acumulación de textos y materiales, sino más bien un espacio desde donde - entre otras alternativas - se unen y potencian los recursos de aprendizaje y el currículum del liceo.” (CENTRO..., 2001, p. 5).

Entre os recursos de aprendizagens na atualidade, podemos citar diferentes dispositivos móveis, entre eles: celular, *smartphones*, *notebooks*, *netbooks*, entre outros.

A geração polegar

Ao analisar a relação dos indivíduos, seus costumes e seus hábitos com as tecnologias, a literatura nacional e internacional apresenta cinco gerações de pessoas: **1ª Geração:** Veteranos; **2ª Geração:** *Baby Boomers*; **3ª Geração:** Geração X; **4ª Geração:** Geração Y e **5ª Geração:** Geração Polegar. Cabe notar que uma geração costuma se diferenciar da outra por um período de 20 anos (ROGRÍGUES SEGURA; PELÁES GARCÍA, 2010).

Sob esse aspecto, a **1ª Geração**, isto é, os Veteranos representam as pessoas nascidas entre 1900 a 1950, o que indica que são pessoas idosas na faixa de 112 a 62 anos de idade, com uma média de 87 anos. Trata-se de idosos que vivem de forma diferente do período em que nasceram, já que as mídias de massa demonstram que elas passaram a se exercitar, a trabalhar, aprender a manusear computadores, a encontrar novos relacionamentos amorosos.

Na **2ª Geração** ou os *Baby Boomers*, as pessoas são nascidas entre 1941 e 1965 e possuem de 71 a 47 anos de idade ou em média 59 anos. Os *Baby Boomers* receberam esse nome devido ao grande número de nascimento de bebês após a Segunda Guerra Mundial (CRISTIANI, 2010).

De acordo com Santos *et al.* (2009) as pessoas nascidas nesse período idealizaram participar da construção de uma nova era, um novo mundo pós-guerra, além de acreditarem que poderiam mudar o mundo. A relação dessa geração com a tecnologia teve influência da falta de entretenimento e dos tempos difíceis em virtude da Guerra.

As datas de nascimento estipuladas para a **3ª Geração** ou Geração X, são de 1960 a 1985, com idade de 52 a 27 anos ou 39,5 anos em média. Para Ferreiro (2006) e Tolbize (2008) o nome Geração X foi cunhado pelo ator canadense Douglas Coupland, que se referia à geração de pessoas nascidas em meados da década de setenta ou sessenta do Século XX. Portanto, os dois Xs do século vinte, foram transformados em apenas um X, de Geração X. Ferreira (2010) ressalta que no aspecto social e tecnológico, a Geração X vivenciou a criação dos *shoppings centers*, do cartão de crédito e dos anúncios de mercadorias em massa na TV, o que fez com que essa geração de pessoas se tornasse altamente consumistas.

A **4ª Geração** nasceu entre 1976 e 2002 ou até a atualidade (para os autores que não consideraram a Geração Polegar) e teriam de 36 a 10 anos de idade ou 23 anos em média. O nome Geração Y é uma abreviação da palavra *Young*, já que essa geração seria formada de

jovens. Saw e Toodd (2007) relatam que os jovens da Geração Y representam a geração mais conectada a redes sem fio e a tecnologia móvel.

Os profissionais da Geração Y estão acostumados com a tecnologia e suas praticidades e também a realizarem várias tarefas ao mesmo tempo, a utilizarem vários aparelhos e dispositivos eletrônicos de uma só vez e a se comunicarem com várias pessoas de forma simultânea.

A **5ª Geração** é a Geração Polegar, sendo o foco do nosso trabalho, deteremos mais tempo em descrevê-la. Essa geração é formada por pessoas nascidas em período totalmente tecnológico, digital e móvel.

A literatura pouco tem explorado esta geração e outras nomenclaturas foram criadas para nomeá-la, entre elas: Geração Z (de *zapping*), Geração Móvel ou Geração Pós-Milenar. Ela é composta por pessoas nascidas entre 1994 e 2005 ou de 1994 até a data presente, com idade de dezoito a sete anos e de 12,5 a 9 anos de idade em média ou todos os bebês que nascem a cada instante (FREIRE FILHO; LEMOS, 2008) de passear pelos diversos espaços do ciberespaço a todo o momento.

Fernandez Del Castro (2010) explica que a Geração Z é a geração de nativos digitais em sentido estrito, pois se comunicam e estão sempre conectados e se manifestando nas redes sociais. De fato, são jovens e crianças que já nasceram com câmeras fotográficas digitais, aparelhos celulares, videogames móveis, computadores portáteis e móveis, entre tantas outras tecnologias e mídias sociais que os conectam diariamente.

A denominação de Geração Polegar está alicerçada na forma de viver das famílias contemporâneas. Com a possibilidade de ocorrer uma emergência, os pais passaram a presentear seus filhos, cada vez mais jovens, com aparelhos móveis, e mais precisamente com celulares (MOURA, 2009). Como muitas crianças utilizam o aparelho celular desde muito cedo, aprenderam a manusear as teclas ou telas com habilidade e principalmente utilizando apenas os dedos polegares.

Para Moura (2009, p. [8]), que conceitua essa geração, principalmente por Geração Polegar ou Móvel, o tipo de aparelho celular faz parte da personalidade de cada um ““[...] diz-me que telemóvel tens dir-te-ei quem és.””

Segundo Moura (2009) o conceito de Geração Polegar ou *Thumb Generation* foi cunhado por Howard Rheingold em sua publicação intitulada por *Smart Mobs*, que

caracterizava os jovens por sua aptidão em utilizar apenas os polegares para enviar mensagens. Essa geração utiliza o dedo polegar para enviar conteúdos e por isso deixou de usar o indicador, motivando novos comportamentos, como passar a apertar as companhias com o polegar (MOURA, 2009).

Ainda segundo a autora, o polegar dessa geração está mais desenvolvido devido às tecnologias, já que “Preferem estar em casa com o dedo na consola de jogos ou no teclado do telemóvel do que brincar na rua. Enviam quase 240 mensagens por semana e aos 16 anos já tiveram mais de três telemóveis.” (MOURA, 2009, p. [8]).

Os indivíduos da Geração Polegar são multifuncionais e imediatos, são adeptos das Redes Sociais e acreditam que: o conhecimento maior vem dos meios virtuais; a sociedade existe na internet; apesar de muitos deles, não terem entrado no mercado de trabalho, não acreditam em empregos eternos.

Também são conhecidos como Geração C: colaborativos, criativos, comunicativos e geradores de conteúdos (REVISTA..., 2011). Portanto, é uma geração que vislumbra o mundo quase que inteiramente no ciberespaço, já que é assim que pensa e age. São pessoas ansiosas, com pressa, que possuem jogos digitais, eletrônicos ou virtuais e que se entretém no ciberespaço em contato com amigos virtuais.

A Geração Polegar tem necessidade de atualização tecnológica, o que a leva a consumir aparatos em massa. Participa de um momento em que o comércio eletrônico já está constituído e aceito também por seus pais. Faz pesquisa e utiliza a internet como manifestação e desabafo de seus anseios pessoais e sociais *off-line*.

O bibliotecário escolar e as mediações com a geração polegar

Em uma escola, minimamente, as possíveis mediações de um bibliotecário são: informacional, de leitura e da literatura. Abordaremos aqui a mediação na seguinte ordem: da leitura, depois da literatura e finalmente da informação. Faremos isso por acreditar que o educador (incluindo os bibliotecários) deve oportunizar ao leitor em formação o contato inicialmente com a leitura, depois com a literatura e, assim, este indivíduo provavelmente lerá a informação com maior espontaneidade e prazer.

Não há em nosso discurso uma rigidez e nem estamos dizendo que a criança ou o adolescente vivenciarão essas mediações de forma estanque e por etapas; pelo contrário, a intenção é demonstrar que é fundamental, desde a amamentação, iniciar a leitura do mundo, porém ler o mundo exige que alguém, desde a mais tenra idade, aponte caminhos para o leitor.

Nem sempre as mães e os pais têm consciência de que são os primeiros “alfabetizadores de mundo” dos filhos e que cabe a eles propiciar o encontro diário com diversificadas espécies de objetos, de texturas, de palavras, de sons, de sabores, de cheiros, entre outros. Então a mediação da leitura vem em primeiro lugar, porém leitura numa concepção aberta e ilimitada.

Desde cedo também, deverá ocorrer a mediação da literatura no sentido bem amplo: canções de ninar, cantigas de rodas, parlendas, trava-línguas, poesias e todos os livros possíveis, para que a criança descubra que conviver com textos e livros dá prazer, estimula a imaginação e interesse pelas palavras que a rodeia. Assim, com a curiosidade alimentada, a criança enriquecida, principalmente quando está na fase dos *por quês*, tem a sua relação com a informação mais intensificada.

Até agora nos referimos à atuação da família, e o bibliotecário como sujeito mediador onde se encontra? Deveria estar na biblioteca escolar desde a Educação Infantil, onde poderá exercer mais fortemente a mediação, visto que a criança ainda não está alfabetizada, e necessita de um mediador em tempo integral. Nesse espaço ele poderá exercer além das mediações citadas, a mediação da informação.

A palavra mediação é derivada de *mediatio*, tanto em latim quanto na esfera etimológica da palavra (SIDON, 1997; RUSS, 2003). Para conceituar a palavra mediação, buscamos a contextualização da palavra *mediato* que significa aquilo que: “[...] se tem por intermédio de um intermediário, indireto; por exemplo, conhecimento mediato é aquele que se obtém de maneira indireta.” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1998, p. 177).

No entanto, a compreensão do significado da palavra mediação, pode ser projetada também em dicionários e áreas específicas do conhecimento, como Direito, Filosofia, Comunicação, Psicologia, Ciência da Informação. Como definição filosófica, a mediação é estabelecida como uma ação criativa, que inclui o processo do início ao fim. Com o foco na filosofia Hegeliana, a mediação representa o: “[...] momento da dialética em que o ser retorna a si através da negação.” (RUSS, 2003, p. 180).

Desta forma, parte-se do pressuposto de que o ser estabelece uma mediação entre os seus conhecimentos, negando-os, confrontando-os consigo mesmo para buscar a verdadeira compreensão.

Ainda para Russ (2003, p. 180) a mediação indica a “[...] ação de dividir em dois, estar no meio.” Com uma visão sintética, porém objetiva, a autora esclarece que a mediação propicia estar entre duas partes, dois lados, ou, entre duas pessoas. Pode-se dizer que é neste momento, entre e para algo, ou alguém, que ocorre a mediação.

No vocabulário jurídico a mediação pode ser definida de várias formas, nos interessou por ter um cunho social: “[...] a linguagem diplomática, mediação se entende como os bons ofícios (coloque *itálico*) empregados por um país para que se solucione a questão ou controvérsia havida entre duas potências.” (SILVA, 2005, p. 903).

Em um dicionário publicado em Portugal, ligado a área de Comunicação encontramos o seguinte conceito: “Processo de interação entre os membros de uma comunidade, pelo qual se estabelecem laços, alimentam, restabelecem laços de sociabilidade, constituindo assim o mundo da vida.” (RODRIGUES, 2000, p. 84).

Na Ciência da Informação, o conceito de mediação é atribuído à informação, o que se traduz em mediação da informação, que apresenta um dos campos mais profícuos de atuação do bibliotecário.

Para Almeida Júnior (2007, p. 7):

Mediação da informação é toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

De acordo com a conceituação de Almeida Júnior (2007), pressupõe-se que a Mediação da Informação:

1. é realizada pelo Profissional da Informação;
2. que é um processo de interferência realizado também pelo Profissional da Informação;
3. é uma interferência que ocorrerá direta ou indiretamente, ou, focada para algo ou mais precisamente para alguém ou ainda para um público em geral;
4. poderá ser consciente ou inconsciente, com o propósito específico de realizar a mediação ou não;
5. poderá ser individual ou coletiva;

6. que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente uma necessidade informacional, ou seja, que responderá ou não, a totalidade dos questionamentos de outrem.

É necessário dizer que, a mediação da informação é uma ação desenvolvida pelo profissional da informação. Almeida Júnior (2000, p. 35) relata que “Todo o trabalho do bibliotecário [...] tem uma interferência impossível [...] de ser eliminada.” De acordo com o autor, todo bibliotecário acaba por interferir no acesso à informação dos seus usuários, o que em verdade, é basicamente o cerne da profissão.

Assim, mesmo que não saiba, o bibliotecário interfere na vida cotidiana dos usuários, seja mediando a informação, a leitura ou cultura. Em todos esses casos, a mediação realizada de forma pessoal, física ou *online* é uma mediação que afeta consideravelmente a construção do conhecimento do leitor.

Essas mediações podem ocorrer presencialmente com inúmeras atividades ou, por exemplo, na *web*, por meio de serviços e produtos virtuais, tal qual, existem na *Web Móvel*, por meio de dispositivos de tecnologia móvel. Essa forma tem despertado, com maior intensidade, o interesse da Geração Polegar.

É com as tecnologias, que são muito dinâmicas, que os indivíduos nessa faixa etária têm “tecido” suas relações sociais e também recebido informações de várias espécies, desde aquelas fugazes e de interesse apenas pessoal até as que, podem levá-los à percepção dos diferentes estratos sociais; e, em muitos casos, a compreensão de como pode interferir em grupos de maneira direta ou indireta, sendo no momento em que tiver contato com um texto literário ou informacional.

Arroyo Vásquez (2011) demonstra alguns serviços de bibliotecas que podem ser realizados por meio da *Web Móvel* e seus dispositivos direcionados para a Geração Polegar:

- *download* de livros ou a leitura por meio de *tablets*;
- serviço de Referências por meio de *chat*, *Short Message Service* (SMS);
- jogos virtuais, guias virtuais e vídeos de informação aos usuários lidos por meio de dispositivos de tecnologias móveis;
- uso de mapas para localização da biblioteca e de suas afiliadas;
- uso de recursos de telefonia *online* que possibilita interação entre bibliotecários e usuários;

- disposição de serviços de notícias, e de ajuda;
- implantação de realidade virtual que permite visualização de conteúdos em 3D;
- leitura de códigos Qr Code (*Quick Response*) que possibilita ao usuário uma substancial quantidade de informação ao aproximar seu celular na frente do código. É uma forma de compactar informações e permitir acesso muito rápido.

Além do mais, qualquer tipo de conteúdo pode ser compactado e disponibilizado pelo recurso, tais como vídeos, imagens, livros, entre outros - há ainda a possibilidade de criar passeios virtuais ou turísticos, além de exposições e eventos que ocorram na biblioteca assistidos por meio de realidade aumentada.

Para que todos os serviços apresentados possam ser inseridos em bibliotecas, caberá ao bibliotecário juntamente com profissionais de TI, reformularem e tornarem possíveis o acesso por meio de dispositivos móveis.

Fato é que o bibliotecário ao mediar a informação para a Geração Polegar precisará de tato para trabalhar com crianças e jovens que na atualidade já lidam com aparelhos tecnológicos e móveis e que, por isso, só se interessam por conteúdos dispostos em ambientes digitais.

Entretanto, o *Ciber Group do University College London (UCL)* citada por Pinheiros (2009, p. 344), em pesquisa realizada, explica que: “Os jovens tendem a não compreender bem as suas necessidades de informações, portanto, a encontrar dificuldades para desenvolver estratégias eficazes de pesquisa.”

Dessa forma, o bibliotecário pode contribuir substancialmente no processo de aprendizagem ao instruí-los em suas buscas por informações virtuais, pois o bibliotecário ao se inteirar das tendências tecnológicas e principalmente do que essas crianças e jovens gostam, se aproxima dessa geração acaba sendo efetivamente aceito por ela.

Considerações finais

Objetivamos com esse ensaio, apresentar a importância da relação do bibliotecário com seus usuários por meio de diferentes mediações. Nesse contexto, esclarecemos os conceitos de mediação (seja ela da informação ou da literatura) que deve ocorrer desde a infância de qualquer indivíduo; numa relação de troca em “via dupla”. Nunca de forma autoritária partindo do mediador para o mediando e sim *com* o mediando, para que seja possível um trabalho conjunto, enriquecedor e que todos saiam ganhando.

Focando a Geração Polegar, demonstramos que o bibliotecário terá que compreender o que instiga e agrada as crianças e jovens que são sedentos por aparatos tecnológicos e móveis. Com o auxílio de profissionais da TI, o bibliotecário tem em mãos infinitas possibilidades para interagir e suprir as necessidades de informação dessa geração, pois como dito eles são indivíduos com atitudes multifuncionais e adeptos das Redes Sociais.

Redes que os resultados de diferentes gêneros de pesquisas, seja ela científica, de opinião, encomendada por empresas ou governos, vêm surpreendendo até os mais incrédulos porque revela um forte potencial de sociabilidade sem barreiras territoriais, com um alcance exponencial, uma diversidade etária, social, econômica.

Além disso, tem demonstrado ser um ambiente de protesto, de *advocacy*², reivindicações e também de aprendizagem, portanto as bibliotecas escolares não podem ficar à margem, desconectadas.

O desafio é diminuir as carências das bibliotecas escolares, tornando-as cada vez mais interativa como um centro de aprendizagem, inclusive virtual, isto é, ofertando abundantemente tecnologias que permitam diversas mediações e apropriações.

² Exemplo de *advocacy* é a campanha “Eu amo biblioteca, eu quero”. Disponível em: <<http://bibmais.wordpress.com/movimento-advocacy/>>. Acesso em: 18 set. 2013.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Profissional da informação: entre o espírito e a produção. In: VALENTIM, M. (Org.). **O profissional da informação: formação, perfil e atuação** profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 31-51.

_____. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J. P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 33-45.

ARROYO VÁSQUEZ, N. Informa APEI sobre movilidad. **Asociación Profesional de Especialistas en Información**, Gijón, n. 6, 2011. Disponível em: <<http://www.apei.es/informes/InformeAPEI-Movilidad.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2013.

VON BISCHOFFSHAUSEN, G. ¿Las bibliotecas escolares: centros de recursos para el aprendizaje?: del dicho al hecho. 1999. SEMINARIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECARIOS ESCOLARES. **Anais...** Santiago, 1999. p. 124-135.

CENTRO de Recursos para el aprendizaje: ¿cómo usarlo?. Santiago: Ministerio de Educación, 2001.

CRISTIANI, A. La generación Einstein. **Revista de Antiguos Alumnos del IEEM**, Montevideo, v. 13, n. 2, p. 57-61, abr. 2010. Disponível em: <http://socrates.iemm.edu.uy/wp-content/uploads/2011/generation_einstein_pdfweb.pdf>. Acesso em: 30 set. 2013.

FERNANDEZ DEL CASTRO, J. L. Juventud: ¿ser quien es? **Ábaco: Revista de Cultura y Ciencias Sociales**, Gijón, v. 4, n. 66, p. 21-67, segunda época, 2010. Disponível em: <<http://www.revista-abaco.es/revista-abaco/49-abaco-n-66.html>>. Acesso em: 01 out, 2013.

FERREIRA, F. A. R. **A influência dos jogos eletrônicos e do gênero sobre o comportamento social dos jovens da geração**. 77f. 2010. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial) – Escola Brasileira de Administração Pública e Empresas, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6574/fernanda%20A%20ferreira.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 ago. 2013.

FERREIRO, R. El reto de la educación del siglo XX: la generación N. **Apertura**, Guadalajara, v. 6, n. 5, p. 72-85, nov. 2006. Disponível em: <http://www.udgvirtual.udg.mx/apertura/num5/pdfs/generacion_n.pdv>. Acesso em: 28 set. 2013.

FREIRE FILHO, J.; LEMOS, J. F. Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a geração digital na mídia impressa brasileira. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 11-25, jul. 2008. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewarticle/126>>. Acesso em: 29 set. 2012.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar, 1998.

MANUAL para el CRA escolar: por uma biblioteca moderna e dinâmica. Santiago: Ministerio de Educación, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecas-cra.cl/uploadDocs/ManualCRAEscolar.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2013.

MOURA, A. **Geração móvel**: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a “Geração Polegar”. Portugal: Universidade do Minho, Centro de Competência, 2009. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10056/1/Moura%20%282009%29%20Challenges.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2013.

PINHEIROS, C. D. Biblioteca escolar 2.0. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TIC NA EDUCAÇÃO, 4., Portugal, 2009. **Anais...** Portugal: Universidade do Minho, 2009.

REVISTA DE ANTIGUOS ALUMNOS DEL IEEM. Montevideo: Escuela de Negocios Universidad de Montevideo, 2011. Y: el desafío de los X. Disponível em: <<http://www.ieem.edu.uy/publicaciones/>>. Acesso em: 28 set. 2013.

RODRIGUES, A. D. **Dicionário breve da informação e da comunicação**. Lisboa: Presença, 2000.

RODRÍGUEZ SEGURA, E.; PELÁEZ GARCÍA, M. A. La convivencia de diferentes generaciones en la empresa: compatibilización y liderazgo integral. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON INDUSTRIAL ENGINEERING AND INDUSTRIAL MANAGEMENT, 4., 2010, Donostia. **Anais eletrônicos ...** Denostia, 2010. p. 160-170. Disponível em: <http://adingor.es/congresos/web/uploads/cio/cio2010/BUSINESS_ADMINISTRATION//160-170.pdf>. Acesso em: 29 set. 2013.

RUSS, J. **Dicionário de filosofia**: os conceitos: filósofos: 1980: citações. São Paulo: Scipione, 2003.

SAW, G. ; TODD, H. Library 3.0: where art our skii ls? In: WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS, n. 73, Durban, 2007. **Anais eletrônicos ...** Durban: IFLA General Conference and Council. Disponível em: <http://archive.ifla.org/IV/ifla73/papers/151-Saw_Todd-en.pdf>. Acesso em: 01 out. 2013.

SANTOS, C. F. et al. O processo evolutivo entre as gerações X, Y e baby boomers. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO – SEMEAD, 14., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: FEA-USP, 2011. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/14semead/resultado/trabalhosPDF/221.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2013.

SIDON, J. M. O. **Dicionário jurídico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

SILVA, P. **Vocabulário jurídico**. 26. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

TAVARES, D. F. **A biblioteca escolar**: a conceituação, organização e funcionamento: orientações do leitor e do professor. São Paulo: LISA; Brasília: INL, 1973.

TOLBIZE, A. Generational differences in the workplace. **Minnesota**: research and training center on community living, aug. 2008. Disponível em:
<http://rtc.umn.edu/docs/2_18_Gen_diff_workplace.pdf>. Acesso em: 01 out. 2013.